

CIBORRO

mesa
posta
14



Viver a Cidade

Virginia Fróis

Fazer nossa a Cidade

Viver será deslizar no tempo, nas referências que as paisagens produzem em nós, ficções, imaginações. No acto de percorrer os lugares estabelecem-se conexões entre o real e as nossas memórias. Sentir o irregular das pedras que os nossos pés tateiam com cuidado. Sobrepostas as pedras e os passos, o tempo e as vidas já vividas. Parar muitas vezes e olhar, um espelho que nos devolve a densidade de existir, o aqui agora.

Ver.

Como é que a cidade move o nosso pensamento e propõe um trânsito do visível para o invisível? O filósofo José Gil, falava a propósito do *Livro do desassossego* de Bernardo Soares (um outro) de uma névoa sobre as paisagens que nos permitem ver para além do real, como a nossa imagem num espelho nos permite aceder ao duplo que existe em nós. Uma emoção breve, um pulo para o virtual. Por um momento breve o passado e o futuro agora. Emoções... um ver para além de. Por um momento uma visão interior. Pensamos com visões? *

(*) A partir da frase final O artista pensa com visões, preferida por José Gil
Colóquio "O dia Triunfal de Fernando Pessoa" FCG, 03/2014

CIBORRO (Povoação de)

“O Caborro era um dos montes da herdade do Paço de Aragão, da freguesia de São Geraldo. Em 1473 a herdade do «Paço do Arangoês» aparece referida nas confrontações de outra herdade. Em 1783 a «herdade do Paço» tinha como maiores senhorios os cônegos de São João Evangelista, de Évora (Loios), e como senhorios minoritários o Mosteiro da Saudação, de Montemor, e o Mosteiro do Paraíso, de Évora. Em 1841, depois da extinção das ordens religiosas, quando da venda dos bens nacionais a propriedade foi adquirida pela marquesa do Louriçal, que, por sua vez, a vendeu, em 1870, ao negociante António Lopes Ferreira dos Anjos, que comprou também outras herdades das cercanias. O seu genro Luís Leite Pereira Jardim, 1º. Conde de Valenças, aforou, a partir de 1897, pequenos lotes de terreno no sítio do Caborro, com o fim de atrair pessoas para o local, dentro de uma política seguida na época por grandes proprietários da região. Essa prática teve por objetivo fixar, junto das respetivas terras, mão-de-obra disponível para os trabalhos agrícolas. Desses aforamentos nasceu, até cerca de 1910, a aldeia do Caborro, ocupada por famílias maioritariamente provenientes das freguesias e concelhos vizinhos, mas também, em menor número, do centro e do norte do país”

*in, Topónimos Rurais de Montemor-o-Novo, Jorge Fonseca
CHAM – Centro de Humanidades, Faculdade de Ciências Sociais
e Humanas da Universidade Nova de Lisboa*

“Para o nome contribuiu o espírito independentista dos primeiros habitantes do Caborro, a grande diversidade de origens e consequentemente , a heterogeneidade de usos e costumes, o que faz com que forjasse entre estes casais, de características únicas, um inigualável espírito de unidade, solidariedade e de respeito pelo direito à diferença e que ainda prevalece nos dias de hoje.”

in, “Caborro uma aldeia diferente...” do boletim informativo da Junta de Freguesia Caborro – ‘Edição I’ de junho.2010

“No final do Séc.XIX e no início do Séc.XX “São perto de 50 os primeiros casais que se fixam na terra aforada ou comprada e que começam a sua vida em comunidade, cuja referência era sempre o Caborro devido ao monte existente perto e que era muito antigo. Muitas tentativas houve a partir desta data, para se chamar a esta nova povoação a Aldeia Nova de Valenças, nome que nunca vingou porque o povo que nem sempre se regula por coisas oficiais e às vezes só pelo próprio critério ou gosto continuou a chamar-lhe Caborro”/Censo das Povoações- 1911) - Assim afirma o professor Leite de Vasconcelos, na sua obra “Etnografias Portuguesa”,Vol1”

in, «Caborro, uma aldeia diferente no Alentejo», Anastácia Mestrinho Salgado, 2008



CIBORRO

Domingo, 25 Outubro - 1970
As 21,30 horas

*Saber dizer obrigado é
uma virtude!*

*...E é para dizer obrigado que a
ALDEIA DO CIBORRO presta
homenagem a um dos homens que mais tem contribuído
para o seu engrandecimento!*

MANUEL JUSTINO FERREIRA



JOSÉ LOURENÇO



POSSIDÓNIO RAPOSO



Colaboram nesta homenagem:

Rancho Folclórico da Casa do Povo do Caborro

sob a direcção de JOSÉ CANELAS

Os exímios acordeonistas

Possidónio Raposo

Manuel Francisco

Heliodoro Manuel

José Lourenço

e ainda

Fernando Emílio

*uma das grandes revelações da
locução nacional
e que pela primeira vez actuará na sua terra natal!*

A população de CIBORRO

saberá dizer Presente!



HELIODORO MANUEL



CIBORRO

A origem duma comunidade singular

Editado a partir de: "Contributo para o estudo ecológico da Comunidade Agrícola do Caborro",
Dissertação mestrado Universidade de Évora de José António Gazimba Simão. Évora 1990.

O Caborro é uma comunidade nova, criada por pessoas de origens diferenciadas. Ao longo da sua curta história registou uma evolução demográfica nada habitual no Alentejo.

O instinto de sobrevivência e a possibilidade de depender acima de tudo da sua própria pessoa e dos seus braços, foi um factor de riqueza incomensurável naquele contexto de privações,

desemprego e maltesaria. De tal maneira aliciante que abandonavam os seus lares e para ali se deslocavam com uma inquebrável vontade de começar tudo de novo.

Em 1870, António Ferreira dos Anjos, de Ferreira do Zêzere, adquire à Marquesa do Louriçal a Herdade do Paço no Concelho de Montemor-o-Novo, que por sua vez a tinha adquirido em 1841 ao Convento dos Cónegos de S. João Evangelista.

António Ferreira dos Anjos, de origem humilde, vendia fazendas (chitas, riscados e nastos), conjuntamente com outra quinquilharia nas ruas de Lisboa.

A Herdade do Paço, de entre outras que então comprou, era constituída por sete montes de habitação, sendo um deles o Monte do Ciborro. Sua filha, Guilhermina dos Anjos, casou por volta de 1874 com o Eng. Luís Pereira Jardim, que mais tarde adquiriu o título de 1º Conde de Valenças. Registe-se que este casal se fixou na Herdade onde edificou um majestoso Palácio ao que nos referem várias fontes, projectado por Eiffel, o que não podemos confirmar, e que assenta numa estrutura em arcos. Registe-se que o Palácio, em assinalável estado de conservação, é testemunho do início de uma época da arquitectura Portuguesa e Europeia e foi adquirido em 1974 por um pequeno proprietário.

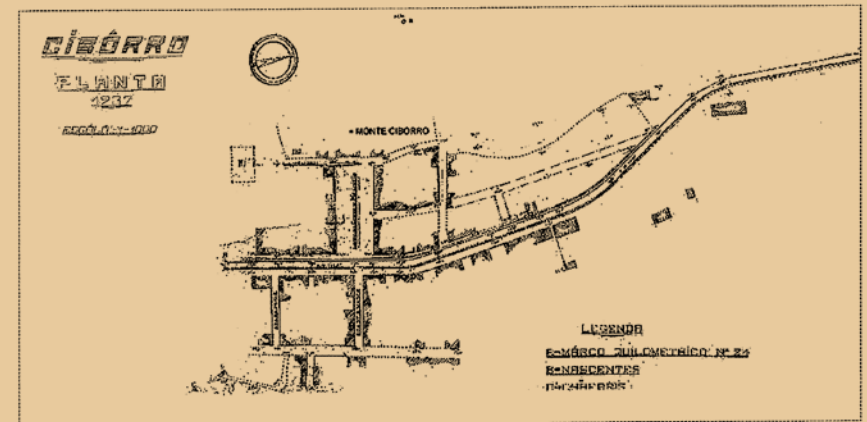
Cerca de 1887 foram feitos os primeiros aforamentos da Herdade do Paço, precisamente nos terrenos contíguos ao Monte do Ciborro. Aforamentos traduzidos em parcelas de terra de cerca de 300 m² para construção urbana e cerca de 2ha para exploração agrícola.

Depois de feitos os aforamentos, começaram a construir as primeiras

casas. Assim nasceu a Aldeia do Ciborro por volta de 1900. Aldeia avançada para a época, uma vez que se construíram ruas largas, imitando a arquitectura pombalina.

Leite de Vasconcelos refere na Etnografia Portuguesa. "Não cessou em tempos modernos o costume de ricos magnates fundarem povoações por 'enfiteuse'. Por exemplo, dentro da vasta herdade da Herdade do Paço, existe, num recanto um monte, ou casa de campo, chamado do Ciborro ou Siborro, em volta do qual, em 1902, o 1º Conde de Valenças, seguindo tradições muito Alentejanas, começou a fazer aforamentos que consistiam no seguinte: O Sr Conde aforava a cada indivíduo um terreno de dez metros de frente e trinta metros de fundo, para casa de habitação e quintal, aquele com saída para uma estrada pública: e a cada foreiro, logo que construísse a casa, assistia o direito de também receber de aforamento outro terreno maior para seara, um ha ou mais, dentro da mesma Herdade do Paço, e perto do Ciborro... O Sr. Conde procurava deste modo facilitar condições de vida a gente pobre daqueles sítios.

À nova aldeia foi posto oficialmente o nome de Vila Nova de Valenças, mas o povo, que nem sempre se regula por coisas oficiais, e as vezes só pelo seu critério ou gosto, continua a



chamar-lhe Ciborro, e assim vem no censo das povoações (1911), pág.153A."

Os pioneiros, fundadores da comunidade, eram uma curiosa miscelânea de Alentejanos e Beirões, que apuramos, presumivelmente de origem ratinha que para ali se deslocavam. Os ratinhos ficaram célebres no Alentejo por muitas razões. Provenientes da Beira aqui vinham trabalhar. Silva Picão refere-se a estes homens: "Apreciados como ceifeiros, os homens da Beira revelam resistência e aptidões incomparáveis. Pode-se considera-los escravos do

trabalho, que exercem com assombroso desembaraço, sob os rigores do sol estival e a mercê de privações de toda a ordem... Num inabalável propósito de severa economia, praticam actos de extrema sovínice. Antes, nas tabernas associavam-se aos três e quatro, para, em comum, beberem um quartilho. Hoje, estão menos forretas. No entanto, afirma-se que um cigarro lhes dá fumadas para dois ou três.



“CASA DO POVO É NOTÍCIA”

in, revista «Povo Rural», fevereiro de 1975

“Terras como esta, em que o povo esteja sempre disposto a trabalhar para a sua valorização, não deve haver muitas”.

Para além dum justificável orgulho, esta frase de José Lourenço, membro da comissão directiva da Casa do Povo do Ciborro, exprime uma realidade: a vontade persistente de uma população que sempre quis construir o seu futuro, sem se deixar abater pelas dificuldades.

“O Rancho Folclórico é talvez a sua actividade mais conhecida e também um dos motivos de interesse do povo.”

José Lourenço está muito ligado ao rancho, onde toca acordeão. É ele que nos explica como se conseguiu assegurar a sua continuidade: - Aqui os gaiatos acompanham os ensaios e desde pequenos começam a meter-se num ambiente de música - dizem que a nossa região é uma terra de música. Assim podemos sempre ir para a frente; quando algum elemento saía, entrava logo outro já meio preparado.(..)

“Duzentas Crianças Fizeram O Ciclo Preparatório No Posto Da Telescola Do Ciborro”.

Os dirigentes tomaram a iniciativa de pôr a funcionar um posto da Telescola. Deslo logo os alunos do Ciborro e das vizinhas localidades de Brotas e de S. Geraldo não cessaram a aparecer.”

“Um Autocarro Ao Serviço Do Povo”

Uma iniciativa pouco comum revela bem o interesse com que se tem trabalhado na Casa do Povo. Tendo-se verificado que um autocarro poderia trazer benefícios importantes à população e permitiria desenvolver as suas actividades, os dirigentes de então não hesitaram em comprá-lo. A decisão foi corajosa, visto que o preço era elevado e as disponibilidades financeiras diminutas; mas o serviço com que ele se está a prestar à população já é notável.

Graças ao autocarro, as crianças das localidades vizinhas que frequentam o posto da telescola, têm transporte assegurado e gratuito.”

“Muitos outros projetos e necessidades foram abordados neste breve contacto com o Ciborro. Mas o que parece importante salientar, é a vida e capacidade que uma população tem relevado para poder construir o progresso da terra e dos seus habitantes. Vida essa que se manifesta em inúmeras actividades, no desejo de ultrapassar os obstáculos, na consciência do direito a ter voz e a ser apoiada.”



CIBORRO

A 20 quilómetros de Montemor e quase no limite Norte do respectivo concelho, junto à estrada de Mora, depara-se-nos uma ridente e progressiva Aldeia, de fundação bem recente, mas de esperançoso futuro — o Ciborro.

Nascida há pouco mais de meio século, mercê da generosidade e larga visão da ilustre Família «Valenças», que ali aforou ou vendeu a baixo preço numerosos lotes de terreno para construções, esta povoação conta já hoje bem mais de mil habitantes.

Seria honroso acto de justiça, trocar o nome de Ciborro pela designação oficial de Aldeia Nova de Valenças, o que os moradores não conseguiram ainda levar a bom termo, apesar dos esforços desenvolvidos em tal sentido.

Dispõe esta localidade de luz eléctrica, telefona, Casa do Povo, Igreja e até do imprescindível Campo de Futebol, com o respectivo agrupamento desportivo.

Faltam-lhe alguns melhoramentos de fundamental importância para o seu progresso: água suficiente, esgotos, arranjo de ruas, um carro de alugar e Cemitério.

a) A água de que dispõe não chega para lavar nem para beber e muito menos para regar. Os moradores passam horas de martírio, no verão, à espera de vez

para encher um cântaro no Fontenário público. Mas é possível obter água abundante quando a Câmara Municipal se decidir a resolver cabalmente o problema, afundando mais os poços já abertos ou trazendo-a de mais longe, do sítio dos Barrosas, onde superabunda para todas as utilizações possíveis.

b) A rede de esgotos ainda não existe, mas torna-se dia a dia mais urgente considerá-la em futuro próximo.

c) Além da Estrada Nacional n.º 2, que atravessa a povoação e se encontra alcatroada, não há no Ciborro uma única rua calçada ou mesmo pavimentada a betuminoso. A chuva, o vento e o movimento tornam algumas, com frequência, perigosas ou quase incapazes para o trânsito.

d) A permanência, já requerida aliás, de um automóvel de aluguer é cada vez mais necessária na Aldeia.

e) A construção de um Cemitério, felizmente em vias de breve início, é das maiores necessidades locais: até ao presente os funerais têm sido feitos para o Cemitério de S. Geraldo, situado a uma distância de 5 Kms.; e dentro em breve teriam de fazer-se para Montemor, visto que o Cemitério de S. Geraldo já quase

não comportar mais sepulturas ou enterramentos.

As delegações deste Povo têm encontrado a melhor simpatia por parte do sr. Presidente da Câmara e seus colaboradores municipais. Que o futuro traga sem demora um remédio a estes problemas.

CASA DO POVO

No centro desta Aldeia ergue-se altaneiro o edifício da Casa do Povo, desde o início escolhida pelos habitantes locais para



António Carapinha

as suas reuniões culturais, recreativas ou de convivência social.

O seu actual Presidente da Assembleia Geral é o sr. Dr. Ant-

ónio Aires Rosado Pereira e a sua Direcção é presentemente constituída pelos srs. Pedro Vicente Pereira — Presidente; Benigno Manuel Salvaterra — Secretário; e Custódio Faustino Coelho — Tesoureiro.

Durante largos anos exerceu funções directivas na Casa do Povo e foi o grande Homem do Ciborro, pelo seu dinamismo, influência e actividade, o sr. António Carapinha, a quem a idade e falta de saúde não permitem hoje a vida movimentada de outros tempos, mas cujo espírito continua atento e dedicado aos interesses públicos locais. Desde 1937 a 1966 devotou-se de tal ordem aos problemas deste Povo, sobretudo através da Casa do Povo, sacrificando a sua vida particular, tempo e dinheiro, que conseguiu, de colaboração com os restantes membros da respectiva Direcção, dar-lhe uma actividade e uma influência popular dificilmente igualáveis em organismos congêneres. O telefone, o campo de futebol e arruamentos da parte nova da Aldeia são principalmente fruto do esforço e sacrifício, até monetário, dele e do falecido há pouco sr. Manuel Campino, que perdura na memória agradecida de todos.

(CONTINUA NA 37.ª PÁGINA)

[...]

Editado a partir de: "Contributo para o estudo ecológico da Comunidade Agrícola do Ciborro", Dissertação mestrado Universidade de Évora de José António Gazimba Simão. Évora 1990.

Ao longo da sua curta história registou uma evolução demográfica nada habitual no Alentejo, tendo mesmo em algumas dezenas de ano ultrapassado ao nível da economia, da demografia e de importância relativa, comunidades rurais vizinhas, algumas delas antiquíssimas. Qualquer análise da situação e evolução desta comunidade tem que identificar forçosamente solidariedade e entejada como valores e princípios fundamentais. Fruto do desafio que tiveram que enfrentar, forjou-se entre estes homens uma tal união e entejada que ainda hoje está bem presente no quotidiano da comunidade. Desde a primeira hora, compreenderam e interiorizaram o lema: O sucesso de cada um seria o sucesso de todos. Daqui derivou um mosaico permanente de cooperação no arranjo dos campos, na construção colectiva das habitações de cada um, no empréstimo e partilha dos recursos existentes, nomeadamente alfaias, conhecimentos técnicos, etc.

Um homem da segunda geração conta-nos que quando, por exemplo, a Guarda Nacional Republicana se deslocava à aldeia, geralmente por denúncia de um proprietário, na tentativa de localizar bolotas que

durante a noite tinham "sido recolhidas nos montados para alimentar o porco" - o tal animal doméstico que obrigatoriamente tinha de ser quotidianamente alimentado e que fornecia carne à família praticamente para todo o ano - cerca de três, quatro minutos depois do seu aparecimento todo a população disso tinha conhecimento, possuindo então o tempo necessário e suficiente para as esconder, sendo geralmente enterradas.

O Ciborro foi ao longo da sua curta história um fervilhar de projectos e realizações. A parte cultural, hoje mais adormecida, foi outra constante da sua evolução. Ali se realizavam grandes festas. Ali havia permanentemente teatro, que animava os célebres serões de fim de semana. Era programa para toda a noite Primeiro começava-se com um drama, depois continuava-se com uma comédia, finalmente e ate de manhã, dançava-se ao som dos afamados acordeonistas do Ciborro, que animaram, na aldeia e na região, milhares de bailes. Inclusivamente organizaram-se e adquiriram uma máquina de projectar cinema mudo. Até os forasteiros ali se deslocavam para assistir a espectáculos de cinema.

António Bento

SAPATARIA

OFICINA DE CALÇADO MANUAL

FERRAGENS E DROGAS

CIBORRO

Café Páscoa

Telef. 8 41 08

CIBORRO

Café RAPOSO

— de —

Possidónio Rosado Raposo

x

A PANIFICADORA
IDEAL DE VALENÇAS, L. DA

Ciborro Terra De Artistas

*Ciborro Alto Alentejo
Onde foste tu plantado
Entre estevas e montado
Mesmo junto ao Ribatejo
Nos teus campos eu revejo
A minha infância perdida
Terra que me deu a vida
Voltar é o meu desejo*

*Ruas com belas vistas
Com flores por todo o lado
Que lembram do seu passado
Famosos acordeonistas
Plas suas famílias mistas
Seu nome foi elevado
E hoje ouço em todo o lado
Ciborro terra de artistas*

*Lá tem um palco montado
Na velha Casa do Povo
Um espetáculo sempre novo
Para ser apreciado
Quase sempre elaborado
Pela velha "prata da casa"
Onde a cultura transvaza
Teatro, canções e fado*

*O seu folclore apresenta
As tradições mais antigas
Os trajes das raparigas
Vêm dos anos cinquenta
O seu espírito acalenta
Bem longe o nome levar
Da terra que os vê dançar
E que de orgulho rebenta*

*No largo da liberdade
Se espalham as alegrias
Em festas e romarias
Com espírito de unidade
Nela tenho vaidade
E nas suas gentes benquistas
Ciborro terra de artistas
Terra da minha saudade*

Eliseu Mestrinho

Editado a partir de :

ANASTÁCIA MESTRINHO SALGADO

“Ciborro uma aldeia diferente”

do Boletim da Junta de Freguesia do Ciborro
'Edição I, junho, 2010



[...] Mesmo com todas as vicissitudes vividas, houve actividades culturais que os habitantes do Ciborro sempre gostaram de incrementar. Uma das principais foi o teatro [...] Se bem que passassem pela aldeia grupos de teatro itinerantes, a que ninguém faltava, e que actuavam no que foi mais tarde o Largo da Casa do Povo, ou circos, ou qualquer outra actividade musical que fazia as suas digressões pela província, os habitantes do Ciborro sempre gostaram de ser eles próprios os actores nas peças que gostavam de representar. E gostavam de peças de bom conteúdo social, não o teatro brejeiro ou de mau

gosto, se bem que o humor fosse apreciado. Lembro de me contarem que a primeira peça teatral representada por estes pioneiros do Ciborro teria subido à cena em 1921 ou 1922 e foi o mestre carpinteiro Francisco Padrão (oriundo de Ervedal, aldeia entre Fronteira e Avis) o seu ensaiador. O Mestre Padrão continuou até 1930 à frente do Grupo Dramático do Ciborro. Até à altura da formação deste grupo dramático, passavam pelo Ciborro, como já referimos, companhias de teatro ambulante que faziam uma ou duas sessões e continuavam o seu percurso.

A população do Ciborro assistia sempre interessada a estas

representações e a partir de 1930 cria o seu próprio grupo dramático, cuja direcção, como já dissemos, estava a cargo do mestre Padrão. A partir de 1937, em virtude de o mestre Padrão ter adoecido, passa a ser o ensaiador do grupo o mestre Agostinho Faca, também ele carpinteiro. Eram rapazes e raparigas a quem chamo a segunda geração do Caborro que eram os actores amadores destas peças de teatro. Alguns nomes como Joaquim Bento, Joaquim Clemente, Manuel Mateus Júnior, António Bento, Manuel Marques, Augusto Saloio, Conceição Emílio, Joaquim Clemente, Aurora Emílio, etc., foram alguns dos membros destacados deste grupo.

O Caborro sempre foi terra de sapateiros.

Muitas eram as pessoas que vinham de todo o país com o propósito de encontrar as botas desejadas ou o conserto ideal para os seus sapatos.

Nas décadas de 50 e 60 haviam cerca de 12 sapateiros. Quase todos trabalhavam na oficina do Mestre António Bento e nesse tempo o negócio corria muito bem.

Os tempos mudaram e hoje apenas resta um sapateiro, Filipe António Neno, ou simplesmente Neno. Começou aos 11 anos de idade na oficina de António Bento e recorda esse tempo com muita saudade:

« Era uma azáfama. Havia sempre trabalho e a oficina tinha sempre muitos sapateiros e clientes. Vinham pessoas de Portugal inteiro mandar fazer botas à oficina do Mestre António Bento porque sabiam que o trabalho era de qualidade »

in, Junta de Freguesia do Caborro, Ed III

Estas representações faziam-se numa espécie de café da Tia Maria Macau, desde que este abriu em 1934, e nas casas arrendadas ao Sr. Faustino Dias, a partir de 1937. Mais tarde, a partir de 1941, viria o grupo dramático a representar na Casa do Povo, construída nessa altura. Naquele tempo a entrada era paga, pois as representações eram sempre de beneficência e a favor de alguma pessoa mais necessitada - por doença ou por outra situação - e residente na aldeia.

A lotação esgotava-se sempre. Quanto às peças que eram levadas à cena, recordo por aquilo que me foi dito por António Bento, que as comédias eram



sobretudo o que mais agradava à população. Por volta de 1937 é representado o "Simplicio, Castanha e Companhia". Outro exemplo: "Os Vizinhos do Rés do Chão", também comédia, com um êxito que não esquecemos. Chegou a ser levada à cena para as aldeias vizinhas: Brotas, Cabeção, etc. ...O mestre Agostinho Faca, que fora o segundo a tomar a liderança do teatro, é substituído ou desiste por qualquer razão, e a liderança passa a ser feita por António Bento, um dos marcos importantes desta vivência cultural do Caborro, nesta segunda geração, e que já era actor desde há alguns anos. Passa a ser actor e ensaiador do Grupo Dramático do Caborro e manteve-se neste lugar até 1953, altura em que Jerónimo Carapinha também começa a colaborar como ensaiador do grupo. Neste período de António Bento e Jerónimo Carapinha, peças proibidas pelo regime foram representadas por estes amadores teatrais. Exemplo disso temos algumas obras de Ramada Curto, o dramaturgo mais querido dos Caborrenses. As peças "A Fera" e "Duas Causas" nunca foram esquecidas por ninguém como representações, levadas à cena por mais de uma vez (lembramos a representação no Rádio Cine de Montemor a favor dos Bombeiros Voluntários e do Asilo de Infância). Quando qualquer evento

(CONTINUAÇÃO DA 36.ª PÁG.)

O Cabo Chefe do Caborro, desde há 4 anos, é o sr. António Bento, outra pessoa de extrema dedicação, bom senso e competência na defesa dos interesses de todo este Povo e a quem a Fami-

lia Valenças concedeu procrição bastante para venda de renos necessários ao crescimento da Povoação. É o actual orientador e animador desta Ald. sempre pronto e sabedor para solver todas as dificuldades. Vários outros Homens dedi-



«Tony Raposo aos 3 anos na R. T. P.»

Hernani Gaudêncio dos Santos

Mercearia. Fazendas.

deste género acontecia no Caborro, não nos passava despercebido que gente de fora, uns disfarçados de caixeiros viajantes, e outros como simples passantes, nos vinham visitar. **COM QUE INTENÇÃO??**

Não posso esquecer que fui uma das intervenientes (já como professora primária) nestas actividades culturais. Fiz uma recolha etnográfica de toda a zona do Caborro, de São Geraldo, de Lavre e de Brotas dos finais do Séc. XIX - continuação de um trabalho já começado pelo Prof. Leite de

Vasconcelos. Daqui vem a nascer o Grupo Etnográfico (o primeiro a aparecer no concelho de Montemor-o-Novo em 1950/1951) que surgiu com o meu entusiasmo, com o do Sr. José Canelas e dos acordeonistas Possidónio Raposo, Manuel Francisco e José Lourenço e, enfim, de toda a comunidade, quer pais, filhos, colaboradores deste grupo e restante população. Lembro-me de momentos inesquecíveis quando velhotas da primeira geração me ensinaram as danças da sua mocidade, que eu aprendi para poder ensinar a crianças, adolescentes, e outros adultos da minha idade. Foi completada esta minha aprendizagem com a boa vontade de José Canelas, um sabedor destas danças e cantares antigos. Não esqueço, perdoem-me, o entusiasmo que vivemos com o nosso grupo etnográfico e folclórico. Todos os dias os serões eram passados em ensaios na Casa do Povo. Todas os dias qualquer de nós tinha de se levantar às 4.00h da manhã para os nossos trabalhos: eles a pé para os trabalhos agrícolas; eu, como professora em São Geraldo, fazia o meu percurso para a Escola na carroça do Correio, que partia às 4.00h da manhã (para chegar a Montemor-o-Novo com o correio ou outras encomendas para o estafeta, antes do comboio partir para Lisboa).

Foi uma colaboração da comunidade, em que se envolvia a Escola, os avós ainda vivos, os pais também alguns vivos, a juventude que nós éramos, enfim, uma população em geral que apostava no êxito deste grupo. Lembro a grande emoção que senti e sentimos na primeira representação do grupo que se vestiu com os fatos autênticos dos nossos avós, dos nossos antepassados, fatos esses que eram os fatos domingueiros, ou do seu casamento, alguns quase a desfazerem-se, em virtude de estarem guardados nas arcas tantos anos! As representações seguintes foram já com guarda-roupa feito à imagem do primeiro e comprado com as receitas do espectáculo efectuado. Chamar sacrifício a esta actividade, nunca! foram na verdade momentos, anos, de entusiasmo, de persistência e de amor às gentes da nossa aldeia.

Nota: Não esquecer que quando foi a inauguração do teatro Curvo Semedo em Montemor-o-Novo foi o Grupo Etnográfico e Folclórico do Caborro que, entre numerosos grupos convidados para o evento (do Minho ao Algarve), quem ganhou a taça de melhor actuação.

Não podemos esquecer que estes espectáculos, quer do Grupo Etnográfico quer do Grupo Dramático ou outros com um programa criado e diversificado, eram pagos e revertiam sempre, repito, a favor de quem mais necessidade tinha na altura. Durante



alguns anos viveram na nossa aldeia o médico Dr. Jorge Santos Silva e sua esposa Dr.^a Maria Isabel que além de grande dedicação dada à saúde dos nossos doentes foram também grandes colaboradores na nossa actividade cultural.

Chamavam-nos hereges por não termos igreja. Em 1960 inaugurámos o edifício da igreja, que construímos em alguns anos com este mesmo espírito solidário. Cada um contribuiu com dinheiro ou mão-de-obra gratuita, enfim, toda a boa vontade que os habitantes manifestavam quando se empenhavam em algo que enobrecesse

a sua aldeia. O 3.º Conde de Valenças, Eng.º Luís Jardim, e toda a sua família, procurou o apoio junto das instituições religiosas.

O terreno para a construção da igreja foi oferecido pela segunda Condessa de Valenças, já velhinha (D. Isabel Vilhena Jardim). Aproveito para lembrar que esta mesma Senhora já tinha oferecido o terreno para o campo de futebol do Sport de Valenças e mais tarde ofereceu ainda o terreno para o cemitério.

Voltando à construção da nossa igreja: Quero lembrar que a D. Guilhermina

Jardim Gentil Martins, colaborou com o seu professor, o pintor açoriano Domingos Rebelo, na pintura dos frescos que hoje adornam a nossa IGREJA.

Foi por esta altura que eu, a minha mãe e a minha irmã aderimos à campanha de alfabetização quer na área do Ciborro quer na de São Geraldo. E porquê? Porque a OCDE exigiu ao regime de Salazar uma campanha de alfabetização em Portugal.

Também nesta época o fenómeno da emigração começava a aliciar alguns habitantes do Ciborro e foi nesta altura que os primeiros emigrantes do Ciborro partiram para a Europa. Paulo e Joaquim Bento foram os pioneiros.

Esta terceira geração com gente mais evoluída tinha uma vida solidária fora dos costumes das outras terras limítrofes, e chamava a atenção pela sua maneira de estar, de viver, e pela solidariedade entre si e com os outros vizinhos. Por aqui se vê a nossa diferença, a nossa maneira de estar. Aqui se verifica o porquê de uma aldeia diferente no Alentejo.



É nesta geração adulta que ronda os 40 anos, que surge o 25 de Abril.

Como se passou o 25 de Abril no Ciborro? Como se procedeu? Todos os partidos que então surgiram tinham interesse em conhecer o Ciborro. Todos os líderes nos visitaram e todos foram bem recebidos, mas nenhum partido político encontrou ali o seu terreno fértil para poder actuar. Porquê? Esta vida solidária que sempre existiu nunca deu oportunidades a disputas, a conflitos, mas a um entendimento de entreaajuda. Não quer dizer que os seus habitantes não conhecessem as ideologias já existentes, que não estivessem elucidados sobre o que se passava no País e até na Europa.

Eles tiveram na segunda geração (anos trinta), no tempo em que a professora D. Dores tinha consigo nas férias o filho Dr. Cruz Ferreira, estudante de Direito e já actuante da oposição em Lisboa, um mentor que em conversas na sapataria do Mestre Lopes/António Bento, lhes lançava muito sub-repticiamente ou até com alguns

panfletos clandestinos, o que se ia passando na capital. Também os fugitivos da Guerra Civil de Espanha, bem acolhidos clandestinamente, lhes tinham relatado o que se passava para lá da fronteira. Os Anarco-sindicalistas Joaquim Bento, António Bento e Manuel Clemente sempre souberam liderar os seus companheiros de trabalho, que deviam lutar juntos por melhores condições de vida. Entre nós circulavam várias obras proibidas pelo regime, tais como: Manuel da Fonseca, Aquilino Ribeiro, Ferreira de Castro e também Fernando Namora, que por acaso era médico na vizinha vila de Pavia.

Embora fossem distribuídos de noite, não sabemos por quem, panfletos contra o regime salazarista, o povo, se bem que elucidado e revoltado com as condições económicas e sociais em que vivia, não estava organizado politicamente. Nunca me constou que houvesse qualquer formação partidária antes de 1974.

E é com esta vivência que o 25 de Abril chega ao Ciborro.

«Cozido de Inverno do Ciborro»

Ingredientes:

- Toucinho salgado
- Chouriço
- Linguiça
- Ossos de porco (espinhaço)
- Couve portuguesa
- Batatas
- 1 Raminho de hortelã
- Pão caseiro
- Sal q.b.

Obs.: atualmente costumam-se a juntar mais legumes (nabo, nabijas ou cenouras), além do grão ou abóbora e outro tipo de carnes (vaca ou galinha).

Preparação:

Cozem-se as carnes numa panela de barro, depois de bem lavadas. A hortaliça (legumes) é lavada e parte-se a couve aos bocados grandes. Descascam-se as batatas e depois corta-se ao meio. Após as carnes estarem ao lume (de chão), cerca de 1 hora, acrescenta-se a hortaliça.

Miga-se o pão caseiro e coloca-se no prato, deitando-se o caldo por cima das sopas com a hortelã. Numa travessa, à parte, reserva-se a hortaliça com as carnes e as batatas, e bom apetite!



A Cooperativa Agro-Pecuária do Ciborro

A **Cooperativa Agro-Pecuária do Ciborro** foi fundada em 1975 pela população da comunidade, essencialmente trabalhadores rurais.

Na origem do seu êxito, encontra-se a posterior integração de um núcleo de pequenos agricultores e seareiros que integraram as suas máquinas e alfaias no património comum. Ao contrário do que aconteceu em muitos casos, em que as ocupações de terras foram dinamizadas por pessoas de fora, geralmente do Sindicato Agrícola, aqui as ocupações foram feitas pelos naturais da Aldeia e na maioria dos casos, eram terras há muito abandonadas e desprezadas.

José A.G.S., "Contributo para o estudo ecológico da Comunidade Agrícola do Ciborro"

A **Barragem da Tabueira**, construída pela cooperativa em 1976 constitui um importante recurso assim como um pólo turístico da zona, particularmente para a prática de ski aquático.

Alimentada pela Ribeira dos Pombos com uma bacia hidrográfica de 17 km² é fundamental para a rega, abastecimento e recreio contribuindo para o desenvolvimento local.



O telhado da Igreja do Ciborro apresentava problemas. Sem pedir nada, a Cooperativa responsabilizou-se pelo seu arranjo. A Igreja desempenha uma função social, então, ajuda-se. É o princípio seguido.

O Sr. Arcebispo de Évora deslocou-se ao Ciborro e ficou convertido, também ajudará a comunidade e a Cooperativa naquilo que puder. Há vários anos que a Cooperativa contribui anualmente com dinheiro e géneros para o Hospital de S. João de Deus de Montemor. Por sua vez, este Hospital dá assistência gratuita e cuida o melhor possível do pessoal do Ciborro, independentemente de ser, ou não, sócio da Cooperativa.

Trata-se de um sistema complementar de Saúde e Segurança Social deveras curioso, uma vez que não existe qualquer compromisso oficialmente assumido.⁽¹⁾

As boas relações humanas e a boa vizinhança e solidariedade dão por sua vez origem a cooperação económica.

A cooperativa naturalmente fez arrendamentos a proprietários cujas herdades tinham sido ocupados.

A cooperativa por sua vez empresta maquinaria confiscada a quem dela necessita. Até de Vendas Novas se deslocam pessoas para pesar grandes cargas na sofisticada báscula da Cooperativa.

Ninguém paga nada.⁽²⁾

⁽¹⁾ ANASTÁCIA M. S. "Ciborro uma aldeia diferente"

⁽²⁾ JOSÉ A.G.S., "Contributo para o estudo ecológico da Comunidade Agrícola do Ciborro"



Rui Bento mostrando como funciona a Cooperativa a visitantes de Lisboa



POSSIDÓNIO RAPOSO



JOAQUIM RAPOSO



José Lourenço
ACORDEONISTA

MONTE-MOR-O-NOVO
— CIBORRO —

Terra De Acordeonistas

Há 3 ciborrenses para quem o acordeão não é um estranho nem um desconhecido: O Manuel Francisco, o José Lourenço e o Possidónio Raposo (pai do Joaquim Raposo).

Além disso, o Ciborro orgulha-se do pianista António Rosado (neto do Possidónio).

Se há memórias que ficam gravadas em pautas de música, o som característico dos acordeões ficam como recordação da harmonia e das harmónicas, como polifonia que encantou e ainda encanta quem ouve e não se cansa de ouvir. Afinal, uma terra é também feita da sua cultura e das suas tradições. O Ciborro é terra de músicos e músicas que não se esquecem, mas cujos ofícios se arriscam perder.

GRANDE SARAU MUSICAL

Dia _____ de _____ de 199 _____

ÀS _____ HORAS

Com a presença do exímio organista

HELIODORO MANUEL



que se fará ouvir, através do seu **órgão electrónico**
num vasto e moderno repertório

Não percam a oportunidade de apreciar este distinto artista alentejano, bastante admirado pelos seus recursos musicais e que tanto sucesso tem alcançado em várias regiões do país.



«A todos os ciborrenses que continuam a esforçar-se por manterem vivas as memórias, cultura e tradições da aldeia do Cíborro»

Fatias Azedas (dos pobres)

Ingredientes:

- Toucinho salgado
- Linguiça
- Dentes de alho
- Vinagre
- Louro
- Pão
- Água e sal q.b.

Preparação:

Frita-se a linguiça e o toucinho numa frigideira alta. Retiram-se as carnes e no pingo da gordura na frigideira alouram-se os dentes de alho. Junta-se uma folha de louro e deita-se o vinagre. Acrescenta-se água e sal.

Nos pratos migam-se as fatias de pão e o caldo é despejado por cima como sopa, e bom apetite!

MesaPostal4 ✦ 1ª edição ✦ 150 exemplares
✦ ✦ ✦ ✦ ✦ ✦ ✦
coordenação Oficinas do Convento ✦ ✦ ✦
✦ ✦ edição: Nélia Martins ✦ ✦ ✦ ✦ ✦
✦ ✦ edição gráfica: Miguel Rocha ✦ ✦
Fontes: Jornal «O Montemorrense»
✦ Casa de Cultura e Recreio do Cíborro ✦
✦ Junta de Freguesia do Cíborro ✦
✦ Paróquia de Nossa Senhora de Fátima do
Cíborro ✦ Rancho Folclórico do Cíborro ✦
Antónia Relvas Iria ✦ Dília Bento ✦ Jaime Silva
Maria Ernestina Bento ✦ Maria José Lourenço
✦ Maria Rosário Silveira Raposo ✦ Mónica
Bengalinha Pinto ✦ Nélia Campino ✦ ✦

✦ ✦ ✦ Oficinas do Convento - associação
cultural de arte e comunicação ✦ ✦
Carreira de S. Francisco, Convento de S.
Francisco 7050-160 Montemor-o-Novo ✦ ✦
✦ ✦ oc@oficinasdoconvento.com ✦ ✦
www.oficinasdoconvento.com ✦ ✦ ✦

Mesa Posta

Nas zonas rurais de Montemor-o-Novo, quando chegava o Carnaval, as pessoas punham a mesa. Em cada casa enchia-se uma com comida e bebida, e durante dias, por vezes a semana inteira, a porta aberta recebia os visitantes. As pessoas andavam de aglomerado em aglomerado, de monte em monte, visitando amigos e familiares, encontrando outras pessoas, sempre em volta da mesa posta, de enchidos, doces, pratos tradicionais, vinhos e licores locais. Os acordeões e as gaitas acompanhavam as danças, as conversas, os reencontros e os caminhos. Era a altura de dar tempo para visitar e descontraír, com o inverno no fim a primavera abria porta. Com as transformações que o mundo rural sofreu, com a perda de população e alterações nas actividades agrícolas, este hábito foi caindo em desuso, e hoje em dia já não se faz. Sendo uma prática em relação à qual há bastantes memórias, e havendo um grande carinho daqueles que viveram as mesas postas, vamos procurar novos significados e contextos para o dar, oferecer a mesa e celebrar.

uma iniciativa:

OFICINAS
CONVENTO



JUNTA DE FREGUESIA DO CASTELO



estrutura com o apoio financeiro de:



MONTE-MOR
O-NOVO
Município



REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA



DIREÇÃO-GERAL
DAS ARTES



MONTE-MORENSE